

TRÊS BREVES HISTÓRIAS SOBRE MALBA TAHAN

Moysés Gonçalves Siqueira Filho¹

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES/CEUNES

moysessiqueira@uol.com.br

Resumo:

Considera as múltiplas identidades apresentadas por Júlio César de Mello e Souza, e admite uma delas como produto de um contexto histórico, situado, datado, do ponto de vista temporal, espacial. Apoiar-se em uma vasta documentação para análise, reflexão e compreensão da constituição de Malba Tahan, um autor-personagem, uma mistificação literária, inventado para *surpreender o Brasil*, além de ser a maneira encontrada pelo professor-autor para se recriar, se reinventar no interior de suas práticas cotidianas.

Palavras-chave: Malba Tahan; Mello e Souza; Educação Matemática; Livro Didático.

1. Introdução

A trajetória das práticas cotidianas de Julio César de Mello e Souza, nascido na cidade do Rio de Janeiro em 6 de maio de 1895 e falecido em 18 de junho de 1974, revela-nos um sujeito múltiplo e fracionado. À essa capacidade, em existir como agente em diferentes campos sociais, agregam-se as de criar, inventar, criticar, polemizar e educar. As estratégias e táticas utilizadas em seu caminhar, ora transformaram alguns acontecimentos em oportunidades audaciosas, ora o colocaram em um lugar de poder, cujo intuito permeou a forja de seu personagem de maior destaque, Malba Tahan. Outras identidades, elaboradas ou surgidas ao longo de sua existência, tais como *Salomão IV; 846; Capote; R. S. Slady; Breno Alencar Bianco*, oriundas de uma mesma matriz biológica incorporaram, em determinados momentos, a autoria de alguns de seus feitos e tornaram-se atuantes nas atividades que desempenharam.

A partir de uma metodologia de investigação histórico-documental, de natureza biográfica, procurei compreender e escrever a história de um sujeito que viveu situações das mais diferentes possíveis; de um professor-autor-personagem que deixou marcas expressivas no imaginário da Educação Matemática brasileira e que, ao mesmo tempo,

¹ Doutor em Educação – UNICAMP. Área de Concentração: Educação Matemática.

constituiu-se nas interações sociais com o outro, ou seja, nas relações de forças, confronto, dominação e resistência.

Um longo caminho foi preciso percorrer para a obtenção de documentos que oportunizassem contar alguns episódios de sua trajetória e responder à questão: *Quais contexturas subsidiaram a constituição do autor-personagem Malba Tahan e quais contexturas foram por ele constituídas para sua manutenção?*

Sem a pretensão de fazer uma *biografia total*, como a que fez Le Goff (1999) em *São Luiz*, e por conceber uma biografia como uma escrita revestida de episódios, optei por escrever a de Malba Tahan a partir do que denominei de episódios biográficos cotidianos, considerando as várias posições simultâneas por ele ocupadas (BOURDIEU, 1998; GUMBRECHT, 1999).

Entretanto, não queria recuperar manifestações notáveis, nem fazer de Mello e Souza o *herói*, como o fez Thomas Carlyle, para destacar a figura do grande homem. Para ele todo e qualquer vestígio corporal deveria ser eliminado para exaltar o arquetípico do herói em busca da universalidade (LORIGA, 1998). Por outro lado, eu queria, sim, escrever alguns episódios da vida de um homem, visto como mortal, cuja conduta revelasse suas glórias, fraquezas, angústias, ambições e explicasse a criação ou invenção do personagem Malba Tahan.

Ao iniciar a pesquisa, tinha em mente que para reconstituir o passado, *pari passu*, bastaria organizar, cronologicamente, uma série de documentos, em busca de uma verdade suprema. Por meio da história, nessa concepção, seria possível explicar tudo, ou pelo menos quase tudo. É como se eu pudesse apenas vasculhar e desatar os entrelaçamentos existentes para supostamente desembocar neste ou naquele contexto, devido a seu caráter linear e eminentemente contínuo. Dessa forma, os fatos se apresentariam de maneira hierárquica e cada nova etapa seria um acúmulo progressivo de etapas anteriores.

Essa visão de História, que a postula como ciência que relata, numa sucessão linear e evolutiva, a simples reconstrução dos fatos passados, privilegiando única e exclusivamente a história-cronológica e pouco problematizada, a partir da crença absoluta nos documentos aceitos como verdadeiros testemunhos, é rejeitada pela História Nova (LE

GOFF, 1999), à medida que se revela a natureza descontínua e provisória do real. Com isso, passei a compreender melhor que a sucessão dos contextos históricos não se dá sob estagnações e que nela há descompassos.

Assim sendo, fiz um recorte de uma pesquisa maior e optei, neste texto, destacar três momentos distintos da história de Malba Tahan: [1] as parcerias nas produções didáticas; [2] o primeiro “ensaio” literário; [3] a obra que abriu as portas para sua inserção em um disputadíssimo mercado editorial².

2. Buscando Parcerias, Diversificando Produções

Entre os Srs. Professores, Júlio César de Mello e Souza, da Escola de Bellas Artes e do Instituto de Educação; D. Irene de Albuquerque, prof. Municipal, diplomada pela Escola de Educação da Universidade do Rio de Janeiro; sr. F. Acquarone³, prof. de Desenho, e a Empresa Editora A.B.C. Limitada, sociedade comercial, por quotas, estabelecida à Praça 15 de Novembro, 101, Sobº, todos residentes nesta Capital, ficou justo e contratado o seguinte...

Esse fragmento, extraído do “Contrato Particular de Edição”, assinado pelos autores, em 12 de abril de 1937, na cidade do Rio de Janeiro, para a publicação da 1ª edição do livro *Tudo é fácil*, destinado a crianças da terceira série primária, caracterizou o primeiro trabalho em parceria de Mello e Souza com Irene de Albuquerque.

Os dois autores escreveram outras obras em parceria. Em 1938, lançaram a 1ª edição do livro *Matemática Fácil e Atraente*⁴, pela Editora ABC; em 1951, a 1ª edição do livro *Diário de Lúcia*⁵, pela Editora Aurora. A Editora Getúlio Costa⁶ publicou a 4ª edição do livro *Tudo é Fácil*⁷ em 1941.

² Para um maior detalhamento sobre editores, editoras, contratos de edições, história do livro, ver tese de doutorado do autor, intitulada: *Ali Iezid Izz-Edim Ibn Salim Hank Malba Tahan: episódios do nascimento e manutenção de um autor-personagem* defendida na Faculdade de Educação da UNICAMP. Disponível em www.unicamp.br/unicamp/servicos/bibliotecas.

³ F. Acquarone foi responsável pela ilustração do livro *Tudo é Fácil* e de vários outros livros de Mello e Souza, por exemplo, a capa da 16ª edição do livro *Lendas do Céu e da Terra*, lançado pela Editora Conquista em 1964. Escreveu, sozinho, *História da Música Brasileira*, em 1948; *Mestres do Brasil*, em 1949 e *O Bebê que Deus me deu*, em 1951 (Universidade Federal Fluminense – UFF.LHIED. Catálogos da Livraria Francisco Alves).

⁴ Não há registros de outras edições deste livro.

⁵ Apesar de ter encontrado registro de publicação da obra em 1952 [Editora Aurora], não obtive informação sobre sua edição. Em 1955 já aparece em sua 10ª edição, pela mesma editora.

⁶ Segundo Hallelwell (2005, p. 355) Getúlio M. Costa, um dos fundadores da Civilização Brasileira, após sua venda, *retornou à atividade editorial em 1939, sozinho e usando seu próprio nome na razão social*,

A prática de Mello e Souza, em trabalhar com outros autores, no entanto, não foi iniciada com Irene de Albuquerque. Em meio ao amplo movimento de reformulação da educação, promulgado por educadores como Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, entre outros, e cristalizado na primeira grande reforma do ensino feita por Francisco Campos, em 1931, a Livraria Francisco Alves, sob o comando de Paulo de Azevedo, diante de um mercado em expansão e altamente rentável, publicou as obras *Matemática*; *Exercícios de Matemática* [ambas em parceria com Cecil Thiré], *Curso de Matemática*, *Exercícios de Matemática*; *Matemática Ginásial*⁸ [todas em parceria com Cecil Thiré e Euclides Roxo], *Matemática Comercial*; *Exercícios de Matemática Comercial* [ambas em parceria com Cecil Thiré e Nicanor Lemgruber], as quais, se inseriam nos contextos educacionais vigentes.

A partir de 1933, Euclides Roxo, diretor do Colégio Pedro II, à época; membro do Conselho Diretor da Associação Brasileira de Educação (ABE) e membro da comissão de reforma do ensino, associou-se a Mello e Souza e Cecil Thiré.

A fusão dos livros *Matemática – Álgebra 3º ano* de 1932, de Mello e Souza e Cecil Thiré e *Curso de Matemática - II - Geometria* de 1931, de Euclides Roxo, originou o livro *Curso de Matemática 3º ano* e inaugurou a parceria entre os três autores, firmada por meio de um contrato, constituído de vinte e três cláusulas, sendo, em duas delas, acordado que:

II. Os livros *Curso de Mathematica 3ª série de ER* e *Mathematica 3º ano de CT e JC* serão fundidos em um volume único que receberá o nome *Mathematica Elementar 3º ano* publicado sob responsabilidade e com nome dos 3 contractantes.

[...]

V. [...] Terão o mesmo formato dos actuaes livros de *Mathematica* de CT e JC mas o aspecto da capa será diferente, adoptando-se outro typo de letra e outro *ex-libris* e supprimindo-se a figura do Archimedes⁹. Os livros de exercícios continuarão com o mesmo formato mas também com outro typo de letra (Pontíficia Universidade Católica. Arquivo

entretanto, encontrei registros de sua atuação em 1933 e 1935. No primeiro, publicou as obras didáticas *Estudo Elementar das Curvas e Funções Moduladas*, de Mello e Souza; e no segundo, *Maktub* de Malba Tahan.

⁷ A 10ª edição saiu em 1951; a 11ª em 1952 e a 13ª em 1955 - na edição de 1959 aparece na folha de rosto, 13ª edição mas na capa, 14ª – todas pela Editora Aurora.

⁸ Essa coleção atenderia as orientações da Reforma Capanema.

⁹ A figura de Arquimedes que aparece na capa dos livros de Mello e Souza e Cecil Thiré é um desenho do Prof. Carlos Chambelland e as letras do arquiteto Moacyr Fraga.

Pessoal Euclides Roxo -APER. Minuta de Contrato... – ER. T.1.006, n.d).

Roxo, Thiré e Mello e Souza mantiveram a tripla parceria e escreveram, em 1943, uma nova coleção. Intitulada *Matemática Ginásial*, destinava-se às quatro séries do primeiro ciclo do ensino secundário, conhecido por Curso Ginásial, em atendimento às novas orientações educacionais estipuladas pela Reforma Capanema¹⁰, as quais perdurariam de 1942 a 1961.

Em carta-contratual, a Editora Conquista estabeleceu as condições de publicação do livro *Matemática Para Você*, em quatro volumes, um para cada série ginásial, escrito em parceria com Lauro Pastor Almeida¹¹ (INSTITUTO MALBA TAHAN - IMT. Arquivo Pessoal. Conquista. Contrato do livro *Matemática para Você*, 1950).

Apesar dos vestígios de que este livro tenha sido publicado - está listado nas contracapas dos livros *Matemática Divertida e Delirante* [1962]¹²; *O Problema das Definições em Matemática* [1965]; *Didática da Matemática* [1º volume - 1961; 2º volume - 1962] como uma das obras do Prof. Mello e Souza, sem, contudo, acusar a parceria – não localizei fontes que me fornecessem algum tipo de registro sobre ele, embora o referido contrato exista, mas apenas Lauro Pastor Almeida dá o “de acordo”.

Mello e Souza escreveu, sozinho, os livros didáticos: *Funções Hiperbólicas* (Francisco Alves, 1930); *Geometria Analítica: no espaço de duas dimensões* (Francisco Alves, 1ª parte - 1931; 2ª parte - 2ª ed., 1940); *Trigonometria Hiperbólica* (Francisco Alves, 1932); *Estudo Elementar das Curvas* (Getúlio Costa, 1933); *Funções Moduladas* (Getúlio Costa, 1933); *Alegria de Ler* (Getúlio Costa, 1939 – Curso Admissão); *Geometria Analítica: no espaço de três dimensões* (Getúlio Costa, 2ª parte - 2ª ed., 1940); *Meu Caderno de Matemática* (Getúlio Costa, 1945 – Curso Admissão), *Tábuas Completas*:

¹⁰ Gustavo Capanema, mineiro de Pitangui, ocupou o Ministério da Educação e Saúde de 1934 a 1945 e em 09 de abril de 1942 promulgou a Lei Orgânica do Ensino Secundário - conhecida por Reforma Capanema - por meio do Decreto-Lei nº 4244. Em seu Capítulo II – Dos Ciclos e dos Cursos – prevê que: Art. 2º - O ensino secundário será ministrado em dois ciclos. O primeiro compreenderá um só curso: o curso ginásial. O segundo compreenderá dois cursos paralelos: o curso clássico e o curso científico. Art. 3º - O curso ginásial, que terá a duração de quatro anos, destinar-se-á a dar aos adolescentes os elementos fundamentais do ensino secundário (Aguilar, 197, p. 281).

¹¹ Bacharel e licenciado em Matemática, professor do Colégio Pedro II (Tahan, 1946, p. 39). Participou em 1948 do concurso para professor catedrático do Colégio Pedro II com a Tese intitulada *Divisão Harmônica* [Colégio Pedro II. Livro de registros de Actas de Concurso: setembro/1925 a fevereiro/1975 – livro 5]

¹² Na edição de 1965 não consta esta informação.

logaritmos e formulários (Getúlio Costa, 1945); *Matemática, Aritmética* (Conquista, 1950 – Curso Admissão).

Os livros *Alegria de Ler* e *Tábuas Completas: logaritmos e formulários* chegaram, respectivamente, às 20ª e 7ª edições em 1961. Isso revela que os trabalhos tiveram uma boa aceitação no mercado, então, por que Mello e Souza não continuou publicando sozinho? As parcerias ajudariam no desenvolvimento de um saber matemático mais específico, mais aprofundado e que, talvez, ele não o tivesse? Elas dariam maior respeitabilidade ao trabalho apresentado, em virtude do prestígio que tinham no Colégio Pedro II? Ou teria sido, tão somente, uma estratégia editorial?

Mello e Souza e suas parcerias, por meio de suas produções, inserir-se-iam em um contexto histórico de transformação e carregariam os valores de um discurso eminentemente político, balizados, sobretudo, pelos princípios das reformas educacionais modernizadoras. As subseqüentes edições destas produções didáticas sinalizam o ir e vir do antigo e do moderno, reforçando, dessa forma, os avanços e retrocessos característicos da modernidade capitalista, no sentido do controle, no sentido do consumo, no sentido da concorrência.

3. A Criação do “Jornal” *Erre*: Primórdios de uma Tendência

Nos primeiros anos do século XX, a produção de jornais por adolescentes e jovens parecia uma prática habitual, no interior das classes menos favorecidas. Em 1907, por exemplo, aos onze anos de idade, Mello e Souza lançou o primeiro número de um pequeno jornal, denominado *ERRE*¹³, supostamente em concorrência a dois outros “jornais” semelhantes: o *Mez* e o *ABC*, de seus irmãos Rubens e Nelson. A periodicidade dos primeiros exemplares acabou não sendo muito regular, mas, em 1908, provavelmente, o último ano de sua “circulação”, passou a ser, rigorosamente, mensal. Até o número treze, o menino Julinho assinava como “redator/editor”. A partir do número quatorze, o “jornal” passou a ter como redator *Salomão IV*, o qual promoveu mudanças significativas na linha editorial: além da periodicidade, passou, também, a ser crítico e ilustrado. Seria o início da opção de Mello e Souza pelo uso de pseudônimos.

¹³Ano I (1907) - n. 01; n. 02; n. 04; n. 06; n. 07; n.11; n. 12; n. 13; n. 14 - redator - Salomão IV. Ano II (1908) - n. 15 - janeiro; n. 16 - fevereiro; n. 17 - março; n. 18 - abril; n. 19 - maio; n. 22 - agosto; n. 24 - outubro; n. 25 - novembro (Instituto Malba Tahan - IMT. Arquivo Pessoal. Jornal *ERRE*).

À essa época, Júlio César de Mello e Souza estudava no Colégio Militar, onde os alunos não eram conhecidos por seus nomes e sim por números. Desse modo, de 1906 a 1908, período em que lá permaneceu, tornou-se o 846 e Osvaldo Aranha, seu colega de turma e futuro Ministro do Exterior e Chanceler do Brasil no governo de Getúlio Vargas, o 511 (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM – MIS. Depoimento de Malba Tahan, 1973).

Já no Colégio Pedro II foi aluno, dentre tantos outros, do professor de português José Júlio da Silva Ramos, o qual tinha por hábito pedir aos alunos que redigissem redações. Como alguns alunos não cumpriam a designação dada por ele, o menino “Capote”¹⁴, versado na arte de redigir, passou a escrevê-las e vendê-las, por 400 réis, àqueles colegas de classe (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM – MIS. Depoimento de Malba Tahan, 1973).

Os vinte e cinco pequenos exemplares de seu “jornal”, de dimensões 9 por 13 (cm), foram confeccionados em brochura e ilustrados com desenhos pintados com tinta guache e escrito à pena. O primeiro número contou dezesseis páginas; os demais, em média, dez. A redação tinha por endereço o Largo da Matriz, n. 2 em Queluz/São Paulo. Um número avulso poderia ser negociado por 100 réis.

Era um “jornal” divertido e muito organizado, com uma linguagem característica de um garoto de 11 anos de idade e propunha historietas em capítulos trazendo na última página, apelos em favor de si mesmo, anúncios hilários, críticas desabonadoras aos “jornais” dos irmãos, pilhérias que se passavam por propagandas enganosas e alguns lembretes:

Não leiam outro jornal sem ser o “ERRE”; Não leiam o “mez”. O “mez” do Rubens de Mello e Souza é um jornal que não presta para nada. É um jornal imoral, é cheio de asneiras e bobagem. [...] É um jornal porco e que a gente não pode ler por causa da Letra do redactor. O redactor do falado jornal não sabe escrever couzas boas, sabe escrever imoralidades. Manoel Augusto já tuberculoso dese[n]ganado ficou completamente curado só de ler o “ERRE”. O Rubens é um mengelha; O Nelson é um coió de argolas. O novo “Erre” [:] Este jornal vae ser melhorado e aperfeiçoado. Em logar de annuncios elle vae trazer na última página uma espécie de pequeno índice; quando um conto um artigo tiver um S é obra do autor. Quando tiver um D é de

¹⁴ Em algum dia Mello e Souza apareceu no internato com um capote emprestado. Daí o apelido.

differentes. O “Erre” do n. 18 em diante trará bellissimas photographias.

Contudo, muitos anos se passaram até a chegada de Malba Tahan, sua máquina de produção¹⁵. A rede de contatos que teceu para sua constituição e permanência no mercado editorial, por décadas, surgiu das diferentes parcerias, como também, do movimento de comercialização e divulgação dos diversos editores com os quais trabalhou.

4. A Primeira Obra: CONTOS DE MALBA TAHAN

Por um período de oito anos, os leitores brasileiros criam existir dois autores com diferentes estilos de escrita, cujas obras publicadas entre 1925 e 1933 se separavam em obras de autoria de Malba Tahan e em obras de autoria de Mello e Souza. Apesar disso, “ambos” os autores foram publicados exclusivamente por editoras cariocas. Malba Tahan nesse início de carreira, transitou por oito editoras – Braslux, Francisco Alves, A Encadernadora, Livraria Azevedo, F. Briguiet, Freitas Bastos, Calvino Filho, Civilização Brasileira; Mello e Souza, por apenas duas – Francisco Alves e Getúlio Costa.

A principal característica do mercado editorial, até a década de 1920, era o consumo de livros importados e de livros brasileiros impressos fora do país. Desse modo, qualquer escritor brasileiro que quisesse ver impressa uma obra sua, deveria encomendá-la diretamente aos impressores, por sua conta própria, e depois incumbir-se da distribuição (Hallewell, 2005). Os passos iniciais de Mello e Souza não fugiram aos costumes da época. Findada a preparação a que se propusera acerca dos costumes árabes, procurou o jornalista Irineu Marinho, diretor do *A Noite, o jornal mais lido do Brasil*, como ele mesmo afirmara, com o intuito de publicar seus contos.

A atitude tomada por Mello e Souza em procurar o jornalista Irineu Marinho para que ele tomasse conhecimento de seu trabalho, evidencia o jornal como uma iminente via de contato com inúmeros leitores para que suas intenções - *surpreender o Brasil com uma mistificação literária; Inventar um escritor árabe e publicar contos orientais educativos* - se consolidassem.

¹⁵ Expressão cunhada por Joaquim Inojosa em seu discurso de posse, em 15 de maio de 1975, da cadeira nº 8, vagada por Malba Tahan na Academia Carioca de Letras, intitulado Malba Tahan: o mercador de esperança (Inojosa, 1975).

Com a ajuda da sogra, publicou seu primeiro trabalho em forma de livro, pela Editora BrasLux – *Contos de Malba Tahan*. Uma coletânea de vinte e três títulos, cuja autoria da obra fora emprestada ao personagem título e por se tratar de trabalho “estrangeiro”, coube a Júlio César de Mello e Souza a tradução para o português dessa primeira edição, enquanto que a da segunda, publicada em 1929, pela A Encadernadora, a Breno Alencar Bianco¹⁶. As obras traduzidas, se de boa vendagem, eram bastante valorizadas pelos editores e como eram produtos que faziam parte da cultura da época, também o eram pela maioria dos intelectuais (KOSHIYAMA, 2006).

O livro *Contos de Malba Tahan* denota o resultado da longa aprendizagem adquirida acerca da cultura árabe, como também, a inserção de Mello e Souza no mercado editorial. A proposta, nele contida, foi bem sucedida, pois, em consignação com a Livraria Lealdade, de um total de 863 exemplares, foram vendidos 548. Em dezembro de 1925¹⁷ contavam-se 47 volumes e em janeiro de 1926, 816, ou seja, um percentual majoritário bastante expressivo (INSTITUTO MALBA TAHAN - IMT. Arquivo Pessoal. Recibo de consignação..., 1926).

Pela venda de 1200 exemplares da 1ª edição deste livro recebeu da Livraria Francisco Alves 2:400\$000 (dois contos e quatrocentos mil réis) (Universidade Federal Fluminense - UFF/LHIED. Atas da Editora Francisco Alves)¹⁸. Da 2ª edição foram vendidos trinta mil exemplares, e nela ocorreu o aparecimento do conto que daria origem à sua mais conhecida obra: *O Homem que Calculava* (Oliveira, 2001).

Entre uma edição e outra, d'os *Contos de Malba Tahan*, a obra foi inscrita no concurso de *Contos e Novellas* da Academia Brasileira de Letras - ABL, em 1927, para concorrer em uma das categorias – trabalho de criação própria [original]; de adaptação; ou de simples tradução (INSTITUTO MALBA TAHAN – IMT. Arquivo Pessoal. Correspondência da ABL..., 1927). Entretanto, a ABL o condecorou com o prêmio de menção honrosa pelos trabalhos *Ceo de Allah*, em 1930 (INSTITUTO MALBA TAHAN -

¹⁶ Breno Alencar Bianco [...] é outro pseudônimo do autor. Foi escolhido em homenagem ao General. Heitor Bianco de Almeida Pedroso, dedicado amigo de Malba Tahan, falecido em 1964(?). As iniciais BAB, em persa, significam “porta” (Instituto Malba Tahan - IMT. Arquivo Pessoal. Documento sobre a vida e obra de Mala Tahan, n.d).

¹⁷ “Este livro acabou de imprimir-se aos 18 de novembro de 1925, nas oficinas da Editora Brasileira Lux. Av. Gomes Freira, 101 – Rio de Janeiro”.

¹⁸ Importante observar que a Editora Francisco Alves não publicou a 1ª edição do livro *Contos de Malba Tahan*, e sim distribuiu os referidos exemplares (A. Bragança, comunicação pessoal, julho, 2007).

IMT. Arquivo Pessoal. Menção Honrosa..., 1930) e, *O Homem que Calculava*, em 1939 (Faria, 2004).

5. Alguns Possíveis Resultados

A experiência de Mello e Souza com a escrita e a edição de textos, com a intenção de manifestar suas posições polêmicas e críticas, já era percebida em tempos de infância. O extenso panorama de suas obras vislumbra prestígio, notoriedade e respeito. Contudo possuidor de um estilo irrequeto, irreverente e provocador, nem sempre agradou a todos. Talvez, inventar Malba Tahan tenha sido a “válvula de escape” das exigências do mundo moderno e capitalista. Para se aguentar nas intempéries de um dia, o contista árabe o faria viajar por lugares nunca antes visitado, apenas imaginado. Ele representaria o esforço necessário de todas as noites para conseguir manter a morte fora do ciclo da existência, assim como fez Shehrazade, que narrava, desesperadamente, até o amanhecer do dia para afastar a morte que a rondava.

Para apropriar-se dos discursos permitidos, inseridos nos contextos dessa modernidade, acompanhou as modificações dos saberes ditados por reformas educacionais ou emergenciais e a elas adaptou as suas obras e a sua prática, seja para interferir na formação de novas gerações, e com isso difundir métodos de ensino “moderno”, seja para divulgar uma Matemática recreativa por meio das obras não didáticas.

Procurou estabelecer um diálogo harmônico, unidimensional, sem tensões, entre a Matemática e outras áreas do conhecimento, inclusive com a história, entretanto, uma história que privilegiava os fatos da História da Matemática, as biografias de grandes vultos e a vaga idéia da produção do conhecimento matemático; em outras palavras, uma história factual, personalista e etapista.

A rede de contatos que tecera, para sua constituição e permanência no mercado editorial por décadas, advém do movimento de comercialização e divulgação de seus diversos editores com os quais trabalhou, como também, das estratégias e táticas utilizadas, no interior das práticas culturais, compreendidas à luz de um olhar movediço, dialético, da história de um sujeito contestador, crítico, atropelador e, talvez, fragilizado pelas

conseqüências de algumas atitudes que tomara. Le Goff (1999, p. 26), apoiado em Bourdieu, afirma que *o indivíduo não existe a não ser numa rede de relações sociais diversificadas, e essa diversidade lhe permite também desenvolver seu jogo.*

Talvez, não tenha sido à toa, a escolha feita por Mello e Souza para seu deleite e deleite de seus leitores, ou seja, as histórias árabes. Os contos o manteria vivo, enquanto narrasse e, com isso, haveria a possibilidade do controle daquilo que quisesse immortalizar, haveria a tentativa de conduzir o destino que lhe aprouvesse, haveria a permissão de se governar. *A gente morre é para provar que viveu, [mas] as pessoas não morrem, ficam encantadas* (Guimarães Rosa).

Malba Tahan representa umas das rupturas, um dos abalos do professor-autor Júlio César de Mello e Souza na tentativa de se recriar, de se reinventar, de se ressignificar no cerne de suas práticas cotidianas.

6. Referências

AGUIAR, J. M. *Coletânea da legislação federal do ensino*. Belo Horizonte: Lâncer, 1997.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica; In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORG). *Usos e abusos da História Oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998

COLÉGIO PEDRO II. Núcleo de Documentação e Memória - NUDOM. *Livro de Registros de Actas de Concurso*, livro 5, setembro/1925 a fevereiro/1975.

FARIA, J. C. *A prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan: um olhar a partir da concepção de interdisciplinaridade de Ivani Fazenda*. Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil, 2004.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Em 1926: vivendo no limite do tempo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. (Ed. rev.). São Paulo: Edusp, 2.ed., 2005.

INOJOSA, J. *Malba Tahn, o mercador de esperança*. Rio de Janeiro: Academia Carioca de Letras, 1975.

INSTITUTO MALBA TAHAN - IMT. Arquivo Pessoal. *Jornal ERRE*. 1907-1908.

_____. _____. *Contrato Particular de Edição entre Mello e Souza, Irene de Albuquerque, F. Acquarone e a Editora ABC*. 1937.

_____. _____. *CONQUISTA. Contrato para edição do livro Matemática para Você*. 1950.

_____. _____. *Documento sobre vide e obra de Malba Tahan*. Elaborado por MESENTIER, Humberto. s.d.

_____. _____. *Recibo de consignação da Livraria Lealdade*. São Paulo. 1926.

_____. _____. *Correspondência da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro. 1927

_____. _____. *Menção Honrosa da Academia Brasileira de Letras para o livro Céu de Alá*. 1930.

KOSHIYAMA, A. M. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: Edusp: Com-Arte, 2006.

LE GOFF, Jacques. *São Luiz*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

LORIGA, Sabrina. A biografia como problemas. In: REVEL, Jacques (ORG). *Jogos de escala: a experiência da micranálise*. Rio de Janeiro: editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM - MIS. *Depoimento de Malba Tahan*. Rio de Janeiro, 1973. Audição em 04 de julho de 2007.

OLIVEIRA, C.C. de. *Do menino “Julinho” a Malba Tahan: uma viagem pelo oásis do ensino da Matemática*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, São Paulo, Brasil, 2001.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA/SP - Arquivo Pessoal Euclides Roxo - APER. Er.T.1.006. *Minuta de contrato para a publicação da Coleção Curso de Matemática da autoria de Roxo, Thiré e Mello e Souza*, s.d.

SODRÉ, N. W. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Núcleo de Pesquisa sobre o Livro e a História Editorial no Brasil - LHIED –. *Catálogos da Livraria Francisco Alves*, s.d.

_____. _____. *Livro de Atas da Editora Francisco Alves*, s.d